

Mudanças na escrita

O que pensam especialistas sobre a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa. Compreenda algumas das principais mudanças

Por Bruno Souza

Não é de hoje que se fala neste assunto, mas a Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa vai acontecer de fato. Faz mais de dez anos que o Congresso brasileiro aprovou o acordo ortográfico, mas, foi só no final de 2006 que três países (Brasil, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe) ratificaram o acordo, que já tornaria possível o início da reforma. Porém, esperaram a adesão de Portugal, neste ano, para efetivá-lo. No Brasil, as mudanças começam em 2009, já Portugal tem até nove anos para se adaptar. A *Folha Universitária* conversou com alguns profissionais da área para falar sobre este assunto.

O prof. Godofredo de Oliveira Neto, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, afirma que, historicamente, este acordo é um sinal de união. As

mudanças vieram para facilitar e serão bem-vindas. As novas regras ganham mais valor do ponto de vista mundial. "Hoje, um documento da ONU fornecido em Português sai em duas versões. O Espanhol não, nem o Inglês, apesar das variantes", afirma. Com isso, todo documento escrito em Língua Portuguesa terá valor internacional e utilizará a mesma grafia em qualquer país lusófono.

No contraponto, a profa. de Língua Portuguesa da UNIBAN, Sonia Prado, acredita que este "é um acordo que prevê mudanças em livros didáticos, com custos muito altos e com uma mudança muito pequena. O custo-benefício não vale a pena", diz. E completa: "creio que, em vez dessas mudanças, que irão dizer muito pouco para os brasileiros, mais importante seria a interpretação de textos entre esses países".



O triatleta Reinaldo Colucci garantiu, com antecedência, sua vaga para Pequim. Das 11 competições mundiais disputadas, em cinco delas ficou entre os dez primeiros colocados



No limite da resistência

Nadar 1,5 mil metros, pedalar 40 km, correr mais 10 km e superar os adversários. Estas distâncias separam o triatleta Reinaldo Colucci da medalha nos Jogos Olímpicos

Por Karen Rodrigues

Brigar por uma medalha olímpica. Esta é a meta do triatleta Reinaldo Colucci (22), o único representante brasileiro, até o momento, do Triathlon masculino nos Jogos Olímpicos de Beijing. Para conquistar esta posição, o triatleta tem focado os treinos no seu ponto fraco.

"A modalidade mais difícil, na minha opinião, é a corrida porque ela é a última a ser realizada e isso a torna decisiva. Preciso melhorar o meu tempo, estou alguns segundos atrás do nível para brigar diretamente por medalhas. Vai ser meu maior desafio", diz.

Estreante em Olimpíadas, Colucci conta que no ano passado disputou 11 provas do Circuito Mundial, nas



Fotos: Divulgação/CBTKD

quais garantiu o índice olímpico com uma certa antecedência. "Desde o início de abril estou matematicamente classificado". Ele lembra que das 11 competições mundiais, em cinco delas ficou entre os dez primeiros colocados. "Os atletas que competem o Mundial são praticamente os mesmos que vão estar na Olimpíada. Por isso, acho que tenho chances reais de brigar por medalha".

De nadador mediano para o melhor triatleta brasileiro

O triatleta relembra que com cinco anos, em Descalvado, interior de São Paulo, começou a praticar natação. "Não era um nadador bem-sucedido. Nadava bem, mas não ia conseguir ter nível de atleta profissional. Com 13 anos,

iniciei no Triathlon e descobri que era o esporte que mais se encaixava no meu perfil".

Com muita dificuldade no início da carreira, mas com determinação igual, Reinaldo passou a competir profissionalmente em 2002. Pouco tempo depois, passou a se destacar ao obter vários resultados de "Top 10" em provas de alto nível, nacionais e internacionais.

Quatro anos depois de ter se tornado profissional, foi eleito pela revista *Trisport* como o melhor triatleta do Brasil. "Isto é retorno de trabalho. Ter reconhecimento da mídia e das pessoas que realmente entendem o esporte é muito bom", afirma. Dentre os vários títulos já conquistados, Colucci considera importante o do início deste ano, o *Ironman Cristal Pucon 7.3*, no Chile.



- O alfabeto passará a contar oficialmente com 26 letras. Ou seja, as letras K, W e Y serão incluídas.
- O trema deixará de existir, a não ser em nomes próprios e seus derivados.
- O acento agudo não será mais usado em ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras paroxítonas como: *assembléia*, *idéia*, *heróica* e *jibóia*.
- Não se usará acento para diferenciar as palavras *pára* (flexão do verbo parar) de *para* (preposição); ou *pélo* (flexão do verbo pelar), *pêlo* (substantivo) e *pelo* (combinação de preposição com artigo).
- Não se usará mais hífen quando o segundo elemento começa com *r* ou *s*, devendo estas consoantes serem duplicadas como em *antirreligioso*, *antissemita* e *infrassom*. A exceção será nos casos em que o prefixo terminar em *r*, como *hiper*, *inter* e *super*.
- Não se usará mais acento circunflexo na terceira pessoa do plural do Presente do Indicativo ou do Subjuntivo dos verbos *crer*, *dar*, *ler*, *ver* e seus derivados. A grafia correta será *creem*, *deem*, *leem*, *veem*; e em palavras terminadas em hiato *oo*, como *enjôo* e *vôo*, que se tornam *enjoo* e *voe*.

Para mais informações acesse o site:
www.cplp.org/documentos_intracom.asp